

Esta coluna contém informação e opinião

INFORME
ESPECIAL

Rodrigo Lopes

rodrigo.lopes@zerohora.com.br

com Vitor Netto
vitor.netto@rdgaucha.com.brInstagram e X
@rlopesreporter

Os “sem-número”, uma questão de cidadania

O Rio Grande do Sul tem 295.247 endereços sem numeração, segundo o Censo 2022. Isso significa que gaúchos e gaúchas que habitam essas residências podem estar sendo privados de acesso a serviços públicos básicos.

Se um morador, por exemplo, enfrentar uma emergência e precisar chamar uma ambulância do Samu ou o Corpo de Bombeiros, as autoridades terão dificuldade para encontrar o local. Precisará seguir pistas, indicações ou pontos de referência, levando a uma demora no atendimento – o que, em última análise, pode significar a morte.

Sem número, prefeituras, Estado e governo federal têm dificuldade de desenvolver planejamento de infraestruturas públicas, como identificar demandas por transporte, escolas, hospitais, coleta de lixo e abastecimento de água e luz. Essa realidade é mais preocupante diante de situações de calamidade, como a que o Estado vem enfrentando.

Sem números nas paredes de casa fica praticamente impossível desenvolver políticas públicas de orientação e alerta de populações ou

evacuação em caso de enchentes.

Em todo o Brasil, são 24,4 milhões de endereços sem identificação – o que corresponde a 22,8% do total. Há situações bem mais graves do que a do RS – em Goiás, por exemplo, quase 2,5 milhões de residências não têm número. Na Bahia, a situação também é grave (2.439.274). Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo vêm um pouco atrás.

Por isso, deve ser saudada a iniciativa dos Tribunais de Contas, que pretende iniciar ações de sensibilização, orientação e fiscalização junto aos municípios com base nos dados fornecidos pelo IBGE.

– A ausência de formalização dessa situação dificulta que a população possa exercer os seus direitos de forma plena. Ruas sem nome ou sem número podem inviabilizar o atendimento de serviços públicos, comprometendo o trabalho da Polícia Militar, dos Correios, do Corpo de Bombeiros e do Samu, dentre outros – avalia o ouvidor do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul (TCE-RS) e vice-presidente de Relações Político-Institucionais da Atricon, Cezar Miola. —

01

MARCELO ALBUQUERQUE, MARINHA DO BRASIL



Entrevista

Letícia Alves

Soldado fuzileiro naval

“Servimos como inspiração para outras mulheres”

• Por que você decidiu ser fuzileiro naval?

Meu pai (Dailson) é sargento do Exército. E por causa dele que eu sempre quis ser militar. Eu já estudava para concursos militares, só que meu pai estava mexendo no celular, certo dia, e viu que a Marinha

tinha aberto as portas para a gente. Ele falou: “Te inscreve e tenta”. Eu já estudava mesmo e fui fazer a prova. Quando vi, já estava dentro da Marinha.

• E você já sabia que o treinamento era pesado?

Já sabia que era raladinho. O nosso cotidiano é muito pesado. Acordamos às 4h e ficamos até 10, 11 horas da noite.

• Quais foram os momentos mais difíceis?

A gente sofre, só que a gente aguenta muito. É mais sobre a resiliência e resistência que a gente trabalha. Porque, se a gente for pensar no quanto dói, a gente desiste de cara. Realmente, não é uma coisa muito adaptada. Até porque não estamos muito acostumadas a carregar tanto peso ou ter uma rotina tão pesada de esforço físico.

• E tem o lado emocional, né?

Também, muito. Até porque são quatro meses de formação, e os dois primeiros são de internato. Não sabemos nada do que acontece aqui fora, só se vive para o curso.

• O que foi fundamental para você se tornar a

numero 1 da turma?

Antes mesmo de entrar, meu pai foi o 01 da turma dele. Ele falava: “Não quero nada menos do que isso de você”. Eu já falava: “Tá bom pai, vou trazer isso para o senhor”. Desde o começo eu já queria, já era o meu objetivo, eu já entrei de cara falando “eu vou ser a 01”. Fazia tudo pensando nisso. Quando eu estava cansada, quando não queria estudar, ou quando queria dormir em vez de fazer outra coisa para me ajudar, eu pensava: “Não, vai valer a pena, porque é o que quero e vou conseguir”. Isso vem muito de casa, sabe? Do meu pai, que já me deu o incentivo antes mesmo de eu entrar.

• O que significa o fato de as mulheres ocuparem também o corpo de fuzileiros navais?

É muito importante a Marinha abrir essa porta, porque servimos como inspiração para outras mulheres, para mostrar a elas que a gente consegue, sim, fazer o que os homens fazem. Não é só porque é um ambiente masculinizado que a gente não consegue ter nosso espaço também. O treinamento realmente não teve diferenciação. Fizemos as mesmas coisas que eles. —

02

Treinamento foi igualitário

As 114 mulheres que integram o corpo de fuzileiros navais passaram por quatro meses de um rigoroso curso de formação no Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (Ciampa), em Campo Grande (RJ).

Afinal, esses tipos de com-

batentes formam a infantaria da Marinha e são considerados anfíbios, ou seja, atuam no mar e em terra, e são capacitados para sobreviver e lutar de forma autossuficiente, sendo treinados para carregar no próprio corpo peso elevado de equipamentos.

O comandante do Ciampa, capitão de mar e guerra fuzileiro naval Vanderli Nogueira Cordeiro Junior, explicou que uma das premissas do curso foi a manutenção do poder de combate. Ou seja, o treinamento teve que ser exatamente igual, tanto para homens e mulheres. —

03

Até parece, mas não é

BRANDON BELL, AFP



Beryl é o primeiro furacão da temporada 2024 a atingir os EUA

Olhando de relance, a imagem parece ser do bairro Navegantes na entrada de Porto Alegre, em meados do mês de maio, quando a Capital enfrentava a sua mais severa enchente.

Apesar da semelhança, essa foto é desta semana, quando um veículo foi abandonado em meio à água em Houston, no Texas, nos Estados Unidos.

O país enfrenta o furacão Beryl. O fenômeno foi considerado pelo Centro Nacional de Furacões dos EUA como uma potencial “tempestade mortal”.

Antes de atingir os EUA, chegou à categoria 5, a mais alta, quando os ventos ultrapassam 252 km/h. Até ontem, já eram oito mortos nos EUA e 11 no Caribe. —

04

Lula quer Venezuela no Mercosul

Em discurso durante a sua visita à Bolívia, o presidente Lula fez, novamente, acenos favoráveis ao retorno da Venezuela para o Mercosul.

O país foi suspenso do bloco desde 2017 devido a rompimento da cláusula democrática.

– Esperamos também poder receber logo e muito rapidamente a Venezuela (de volta ao Mercosul). A normalização da política venezuelana significa estabilidade para toda a América do Sul. Fazemos votos que as eleições transcorram de forma tranquila e que os resultados sejam conhecidos por todos – disse.

As eleições venezuelanas estão marcadas para o dia 28 de julho e Nicolás Maduro tentará o terceiro mandato em uma disputa com claros sinais de irregularidades e na qual a oposição enfrenta dificuldades para concorrer. —